



VI Jornada de Iniciação Científica

VII SEMINÁRIO CIENTÍFICO DO UNIFACIG

Sociedade, Ciência e Tecnologia

ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ESCOLAR SOBRE O FILME “O SUBSTITUTO”

**¹Maria Vitória Bertolani de Oliveira, ²Viviane Andrade Moura e ³Lincon Fricks
Hernandes**

¹Graduanda em Psicologia, Faculdade América, UNIFACIG, Cachoeiro de Itapemirim-ES,
2010652@sempre.faculdadeamerica.edu.br

²Graduanda em Psicologia, Faculdade América, UNIFACIG, Cachoeiro de Itapemirim-ES,
viviane.vivi.andrade@gmail.com

³Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local-EMESCAM, Professor e Coordenador do
Curso de Psicologia da Faculdade América, Cachoeiro de Itapemirim-ES, fricksjr@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir os dilemas que incidem sobre a escola pública e como os profissionais de psicologia podem atuar neste contexto, dando ênfase ao suicídio entre os jovens em idade escolar. Trata-se de um estudo qualitativo, que propõe um modo de pesquisa que não visa à descoberta de verdades, mas a escuta e a escrita das sensibilidades em processo na atualidade que incidem sobre a escola e os sujeitos que passam por ela. O estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica, foram usados como referencial teórico descritores que abordam o processo evolutivo da Psicologia Escolar e Educacional no Brasil até conseguir um espaço nas escolas públicas. Para representar um pouco da problemática enfrentada em muitas escolas apropriamos-nos do filme “O substituto” como intercessor deste trabalho, para dar vazão às vozes que se pronunciam em torno dessa temática, muitas vezes silenciadas.

Palavras-chave: Psicologia Educacional; Escola Pública; Psicologia Escolar.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

CRITICAL ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF SCHOOL PSYCHOLOGY ON THE MOVIE "THE SUBSTITUTE"

Abstract: This paper aims to discuss the dilemmas that affect public schools and how psychology professionals can act in this context, emphasizing suicide among school-age youth. This is a qualitative study, which proposes a research method that does not aim at discovering truths, but at listening and writing the sensitivities in process today that affect the school and the subjects who go through it. The study was carried out from a bibliographical research, descriptors that address the evolutionary process of School and Educational Psychology in Brazil were used as a theoretical reference, until reaching a place in public schools. To represent a little of the problem faced in many schools, we appropriated the film “The Substitute” as an intercessor for this work, to give vent to the voices that speak about this theme, which are often silenced.

Keywords: Educational Psychology; Public school; School Psychology.

INTRODUÇÃO

Ao se fazer uma análise histórica sobre a Psicologia Escolar e Educacional identificamos que ao longo dos anos passaram por várias transformações conceituais, as quais foram influenciadas pelo período histórico da época. Conforme conceitua Antunes (2008, p.470), a Psicologia Escolar se define pelo âmbito profissional e torna um campo de ação, enquanto “a Psicologia Educacional pode ser

considerada como uma subárea da psicologia, o que pressupõe esta última como área de conhecimento”, ou seja, sua finalidade é produzir conhecimento. Desta forma, estão intrinsecamente relacionadas, porém não são idênticas. Ainda de acordo com Antunes (2008, p.470), deve-se compreender que a Psicologia Escolar consiste em um campo de atuação profissional que irá realizar “intervenções no espaço escolar ou a ele relacionado, tendo como foco o fenômeno psicológico, fundamentada em saberes produzidos, não só, mas principalmente, pela subárea da Psicologia, a Psicologia da Educação”.

Para as autoras Barbosa e Sousa (2012, p.165), essa diferenciação entre a teoria e a prática foi fortemente influenciada pelos Estados Unidos onde “apareceu pela primeira vez em termos científicos o termo ‘Educational Psychology’ em livro homônimo de Thorndike, de 1903, e [...]”, subsequente este mesmo autor contribuiu para a primeira revista nos Estados Unidos sobre esse tema no ano de 1910. Da mesma forma, percebe-se que a Psicologia no Brasil sempre teve influências estrangeiras e de fato com esta área da Psicologia não foi diferente. Mas antes disso, ainda de acordo com as autoras, no Brasil é possível encontrar referências relacionadas à Psicologia e o ensino, como por exemplo, na obra de Juan Luís Vives, no século XVI, em ‘De Anima et Vita’.

A Psicologia Educacional no Brasil, em seus primórdios, abarcava teoria e prática e estava relacionada sobretudo à disciplina ‘Psicologia Educacional’ dos cursos Normais, que utilizava trabalhos empíricos realizados em Laboratórios de Psicologia, durante muito tempo relacionados ao movimento psicométrico, higienista e influência da Psicologia Infantil. Usavam-se como sinônimos de Psicologia Educacional, com essa configuração, os termos Psicologia na Educação, Psicologia da Educação, Psicologia aplicada à Educação e Psicologia Experimental. Geralmente a expressão “Psicologia Educacional” era mais utilizada por ser a nomenclatura das disciplinas ministradas nos cursos Normais e esta abarcava as demais como conteúdos (BARBOSA; SOUSA, 2012, p.167).

Posteriormente a este princípio, os profissionais de Psicologia eram requisitados nas escolas para atender os considerados ‘alunos problemas’ ou ‘tratamento dos anormais’, com uma visão em que o profissional de Psicologia deveria tratar este aluno e devolvê-lo curado, sem representar qualquer problema ou transtorno para a escola. Nesse sentido que Barbosa e Sousa (2012, p. 169) afirmam que “a finalidade da Psicologia Educacional interessada nessa temática é então constituída com base na identificação e discriminação desses ‘diferentes’, a partir dos instrumentais psicométricos e avaliativos em moda no período”.

Segundo Barbosa e Sousa (2012), a partir da Lei nº 4.119 de 27 de agosto de 1962, a qual regulamentou a profissão no Brasil, passam a usar a nomenclatura ‘Psicologia Escolar’ entre 1970 e 1980 e iniciam as práticas dos psicólogos para atendimento escolar. “Também à época é característica o crescimento da ‘Psicologia do Escolar’, que mostrava como objeto de interesse o aprendiz e cuja principal finalidade era compreendê-lo para contribuir com seu processo educativo” (BARBOSA; SOUSA, 2012, p.169). Mas ainda havia um olhar voltado para as crianças tidas como ‘anormais’ ou ‘aluno problema’.

Foi apenas após a crítica a esse tipo de pensamento que a Psicologia Escolar mudou o foco voltado para as ‘crianças problema’ e passou a ter um olhar direcionado para os processos educacionais de forma mais ampla. Conforme descrito por Barbosa e Sousa (2012), essa crítica pode ter agido também como um divisor da Psicologia Educacional e a Psicologia Escolar. Posteriormente à crítica percebe-se uma mudança no objeto de estudo deste contexto. A Psicologia Escolar também referida por alguns autores como Psicologia Escolar Crítica passa ser caracterizada “por propor um olhar para o processo de escolarização e para o contexto sociopolítico-cultural em que estão inseridos os processos educativos. Nessa visão, tem-se como objeto de interesse a investigação e intervenção nos contextos educacionais e processos de escolarização” (BARBOSA; SOUSA, 2012, p.170).

O objetivo deste trabalho é debater sobre a problemática enfrentada em muitas escolas públicas articulado ao tema do suicídio no ambiente escolar, com finalidade de enfatizar a importância da atuação do profissional de Psicologia nas escolas públicas a partir de uma perspectiva da Psicologia Escolar. Para representar os problemas vivenciados em muitas escolas foi usado o filme “o Substituto”, o qual consiste em um longa-metragem que aborda o drama de professores e sua relação com alunos que necessitam de intervenção psicológica no cotidiano escolar.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, que propõe um modo de pesquisa que não visa à descoberta de verdades, mas a escuta e a escrita das sensibilidades em processo na atualidade que incidem sobre a escola e os sujeitos que passam por ela.

Os descritores escolhidos para a pesquisa são grandes contribuidores na área da educação e também estudos relacionados à história da Psicologia Escolar e Educacional. Mitsuko Aparecida Makino Antunes, doutora em Psicologia Social, atua em programas relacionados à educação, pesquisadora e orientadora nas temáticas relacionadas à história da Psicologia e educação e à história da Psicologia da Educação no Brasil, tem várias obras publicadas relacionadas a essa temática; Mestre e doutorando Patrick Botelho, com uma trajetória pautada em Psicologia Social e Escolar; Doutor Thiago Colmenero Cunha, ênfase em Psicologia Educacional, atua principiante nos temas educação, violência e análise institucional entre outros e o Doutor Pedro Paulo Gastalho de Bicalho, conselheiro CRP-RJ, atuou como coordenador da Comissão Nacional de Direitos Humanos, conselheiro efetivo do Conselho Nacional de Segurança Pública (CONASP) e do Comitê Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (CONATRAP), do Ministério da Justiça, bem como representou o Brasil na American Psychological Association (APA), é uma grande referência Brasileira.

Apropriamo-nos do filme “O substituto” como intercessor deste trabalho, para dar vazão às vozes que se pronunciam em torno dessa temática, muitas vezes silenciadas.

O filme “O substituto” (2012), do título original “Detachment”, é um drama norte-americano, dirigido por Tony Kaye. O longa-metragem conta a história de Henry Barthes (Adrien Brody), um professor de ensino médio, que possui uma grande facilidade em lidar com adolescentes, contudo, só trabalha como professor substituto, pois não quer criar vínculos com ninguém. O professor começa a lecionar em uma escola pública, lá ele se vê rodeado por professores desmotivados e alunos “problemáticos”, em que muitos deles são negligenciados e agem com rebeldia para mascarar a necessidade de apoio e compreensão.

O personagem Henry é um homem que apresenta dificuldades em se envolver emocionalmente com as pessoas e de criar vínculos duradouros. Quando Erica, Sarah e Meredith entram em sua vida, o professor se vê em conflito com os sentimentos distintos que surgem em relação às mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O suicídio pode ser definido como um ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, usando um meio que acredita ser letal. Os pensamentos, os planos e a tentativa de suicídio também são considerados comportamentos suicidas. Ou seja, a ideação suicida acontece devido à relação entre vários fatores psicológicos, biológicos, genéticos, culturais e socioambientais. Portanto, pode-se dizer que o suicídio é o desfecho final de uma série de fatores que se acumularam na história de um indivíduo, uma consequência final de um processo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a cada ano, cerca de 800 mil pessoas tiram a própria vida e um número ainda maior de indivíduos tenta suicídio. No Brasil, cerca de 12 mil pessoas tiram a própria vida por ano, aproximadamente 0,006% da população. Estão entre os métodos mais comuns de suicídio, ao nível global, a ingestão de pesticidas, enforcamento e armas de fogo (OPAS/OMS).

O suicídio é considerado um grande problema de saúde pública, contudo, infelizmente, poucos países se comprometem em realizar e executar planos de prevenção ao suicídio. Não por acaso, desde 2003, o dia 10 de setembro foi escolhido como o Dia Mundial de Prevenção do Suicídio. A campanha Setembro Amarelo foi criada no Brasil em 2015. Dessa forma, se torna necessário continuar ampliando projetos e campanhas de prevenção ao suicídio nas escolas e universidades. Visto que, ainda de acordo com dados da OMS, o suicídio é a quarta maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Além disso, 90% dos casos estão relacionados a transtornos mentais. A inserção de psicólogos nas escolas, bem como os programas que o governo pode promover de prevenção ao suicídio, são fundamentais para criar uma rede de apoio aos jovens que apresentam ideação suicida ou que conhecem e convivem com pessoas nessa situação (GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 2020).

Desse modo, se faz pertinente debater sobre o suicídio e suas repercussões, visto que é um assunto também abordado no filme. Como já dito, os casos de suicídio entre os jovens em idade escolar vêm aumentando ao longo dos anos, o que reforça a necessidade de profissionais da Psicologia nas escolas, como uma forma de combater essa trágica realidade.

De início, logo no primeiro dia de aula, Henry lida com conflitos em sala de aula, ele mantém uma postura fria e indiferente aos comportamentos difíceis dos alunos. Além disso, Henry enfrenta uma

situação complexa com seu avô, que vive em um hospital asilo. Quando o professor está voltando para casa após visitar o avô, ele conhece Erica (Sami Gayle) uma adolescente que faz trabalho sexual para sobreviver. Em outro dia, eles se encontram novamente e Henry decide levar Erica para sua casa.

Enquanto isso, o professor presencia os comportamentos desviantes dos alunos na escola. Um aluno prende um gato em uma mochila e mata o animal a socos, o professor pega o menino no flagra e o leva para conversar com a orientadora Doris Parker (Lucy Liu). Ela diz aos pais do garoto que crianças que ferem animais tendem a não conseguir desenvolver, quando adultos, sentimentos básicos em relação a outras pessoas. Henry pergunta ao aluno como ele se sente sobre isso e o menino responde: “me sinto preso, igual ao gato”.

A reputação da escola pública não é muito positiva, por isso, a diretora solicita a presença de um reitor de fora para apresentar aos professores um novo plano de trabalho desenvolvido para atender os requisitos dos exames estaduais, ou seja, com o objetivo de aumentar o rendimento dos alunos nas provas. Os professores não concordam com o convidado, pois ele afirma que o baixo desempenho escolar dos alunos prejudica o mercado imobiliário do bairro.

Em outras palavras, esse “plano” que deveria ajudar na educação dos estudantes, na verdade, é um projeto para atrair compradores imobiliários, visto que com a “má fama” da escola ninguém quer morar na região. A ideia, na verdade, era introduzir ordem na escola, isto é, colocar na “linha” ou eliminar os “alunos indisciplinados”. Todavia, sem apresentar soluções concretas, que auxiliem os alunos a enfrentarem outras dificuldades além do rendimento escolar. Isso mostra como parte do sistema educacional “fecha os olhos” para a influência que o contexto social exerce sobre a aprendizagem escolar dos alunos.

A jovem Erica permanece morando na casa de Henry, desse modo, gradualmente, surge uma relação de cuidado e afeto entre os dois. De todos os profissionais da escola, Sarah Madison (Christina Hendricks) é a professora que Henry mantém uma relação mais profunda, e certa noite, os dois se beijam. A diretora da escola, Carol Dearden (Marcia Gay Harden) recebe a notícia de que irá ser demitida até o final do ano. O filme não apresenta somente os problemas que os adolescentes enfrentam, como também revela o lado dos professores e demais funcionários da escola, afinal, parafraseando Henry, todas as pessoas lidam com o caos.

A cena em que a orientadora Doris Parker se enfurece com uma aluna e exagera no sermão, é um exemplo de como o estresse diário acomete os adultos que trabalham com a educação. Percebe-se que esse momento de explosão da personagem é resultado do não saber como ajudar um aluno desinteressado pelos estudos, quando para o adolescente a escola não faz sentido, pois, a lógica de enquadramento não lhe cabe.

Infelizmente, as escolas ainda funcionam pela noção de que uma pessoa só terá sucesso se tirar boas notas e manter um “bom comportamento”, como se o estudante fosse somente um dado e não um indivíduo com diversas vontades próprias. Cunha e Bicalho (2018) apontam algumas questões sobre escolas públicas localizadas em regiões de conflito como, “entre o silenciamento e o caos cotidiano daquele espaço, alunos começam a faltar aulas, outros são expulsos por inadequação às normas sociais exigidas, alguns evadem e nunca mais voltam às cadeiras beges de ferro da escola. Operam-se processos de individualização, culpabilização e invisibilização pelo cenário em que se vive, tornando os sujeitos responsáveis por suas suspensões, sua evasão, sua exclusão, pelo seu fracasso escolar crônico” (BICALHO e CUNHA, 2018, p. 71).

Em outro momento, o avô de Henry sente fortes dores no peito e o médico diz que ele está com a saúde muito frágil. Depois disso, Henry tem uma conversa sincera com Erica, ele conta que encontrou a mãe morta quando tinha sete anos. O avô sempre falava dela e antes de morrer ele confessa para o neto que feriu a filha anos atrás. Essa revelação pode explicar um pouco a personalidade de Henry e o fato dele não querer formar laços afetivos com ninguém. Já que ele perdeu a mãe muito cedo e, por ela ter se suicidado, talvez o jovem Henry tenha se sentido culpado e desamparado, com isso, ele criou barreiras emocionais que sempre o afastam de todos, para não se envolver e se decepcionar.

De volta à escola, a aluna Meredith (Betty Kaye), uma jovem que adora arte e fotografia, estabelece uma boa relação com Henry, ela faz um retrato dele, em que ele é um homem sem rosto em uma sala de aula vazia. Meredith tem uma grande sensibilidade e diz ao professor que vê ele como alguém triste e que precisa de alguém para conversar. Henry pergunta se ela quer conversar com ele, ela responde que sente que ele é o único que a enxerga. A estudante abraça Henry, a professora Sarah vê os dois e questiona aquela situação. Henry percebe que Meredith precisa de ajuda, isso o faz pensar na mãe e ele discute com Sarah. Mesmo sabendo que a aluna não está psicologicamente bem, o professor não a procura e ela se sente desamparada novamente.

Nas cenas finais do filme, Henry diz a Érica que ela não pode mais morar com ele, então, por ela ser menor de idade, ela é levada para um abrigo de jovens em situação de negligência. É uma das cenas mais dramáticas e tristes do filme. Logo depois, acontece o dia dos pais na escola, os professores se reúnem para receber os pais, contudo, praticamente nenhum responsável aparece. Uma frase muito emblemática que o personagem Henry diz é: “muitos de nós acreditam que podem fazer a diferença e, quase sempre, nós acordamos e constatamos o fracasso”. Esta fala expõe como os educadores, por vezes, sentem que seu trabalho é em vão, que todo o esforço para fornecer educação aos jovens se torna difícil quando existem outros problemas, sejam sociais, familiares, etc., que interferem constantemente na vida de todos.

A cena em que a Meredith se suicida na escola é extremamente triste e chocante. Henry diz: “fracassamos, fracasso no sentido de que deixamos todo mundo na mão, incluindo nós mesmos”. A cena do suicídio é inesperada, contudo, desde o começo do filme a Meredith demonstra sinais de angústia e sintomas depressivos. Visto que ela sofria *bullying* na escola e grande pressão e julgamento do pai em relação aos estudos e a aparência. O filme exemplifica como a negligência emocional e familiar, bem como, a cobrança excessiva aos adolescentes sobre um ideal de comportamento, pode transformar os jovens em pessoas com graves problemas psicológicos. Infelizmente o sofrimento psíquico das crianças e adolescentes ainda é tratado com banalidade.

Nesse sentido, também percebemos que vivemos em uma geração que prega discursos como, “isso tudo é besteira! Bullying, assédio, zoeira, na minha época tinha tudo isso e ninguém morreu, todos passamos por isso” (BICALHO e CUNHA, 2018, p. 72). Isso torna um problema sério, que envolve as dores e sofrimentos dos indivíduos que são vítimas de bullying em ‘mimimi’. Ao perceber ambientes que normalizam estas práticas “até que ponto concordamos com violências, silenciamentos e sofrimentos ocorridos na nossa frente, entre os muros da escola?” (BICALHO e CUNHA, 2018, p. 72). Neste contexto, os autores questionam o que o profissional de Psicologia pode fazer nestas situações de conflitos escolares quando se tem um ambiente que normaliza a violência.

O filme termina com Henry encontrando Erica no abrigo. Em seguida, ele está lendo um trecho muito melancólico de um livro diante de uma sala de aula cheia de alunos, depois, é somente ele lendo para uma sala sem alunos e com carteiras e papéis jogados pelo chão. A cena final cabe perfeitamente com a mensagem que o filme quis passar.

Portanto, se não há nas escolas profissionais para exercerem uma escuta qualificada aos jovens, como os psicólogos e profissionais da assistência social, serão somente salas de aulas com a presença física dos alunos, enquanto suas atenções e preocupações estão do lado de fora, com todas as questões que os afligem além das paredes da instituição.

CONCLUSÃO

Compreende-se a emergência das escolas brasileiras com o bullying, principalmente após o ocorrido em 2011 em uma escola do Rio de Janeiro quando um ex-aluno, vítima de bullying, invade uma escola e mata onze crianças e se suicida. Após este ocorrido passou-se a dar mais importância à problemática do bullying e perceber a gravidade da situação vivida pelos indivíduos. Percebe-se o clamor por leis mais duras, como o projeto da lei antibullying, mas, de certa forma, quando se joga a responsabilidade apenas para uma lei a função de mecanismos punitivos busca tentar educar.

Assim sendo, torna-se necessário fazer uma análise crítica do contexto e observar a fundo, para que seja possível uma educação voltada para os saberes do povo, que aconteça o diálogo, que haja respeito pelos sentimentos e as emoções visando uma sociedade com menos injustiças coletivas. Finalmente, cabe ressaltar a importância da Lei 13.935/19, que prevê a presença de profissionais da Psicologia e Serviço Social nas escolas públicas de educação básica. Com isso, a implementação da lei visa garantir que equipes multiprofissionais atendam aos estudantes dos ensinos fundamental e médio, buscando a melhoria do processo de aprendizagem e das relações entre alunos, professores e a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M.. **Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas**. Psicologia Escolar e Educacional [online]. 2008, v. 12, n. 2, pp. 469-475. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020>>. Acesso em: 04 set. 2021.

BARBOSA, D.; SOUZA, M.. **Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão.** Psicologia Escolar e Educacional [online]. 2012, v. 16, n. 1, pp. 163-173. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100018>>. Acesso em: 05 set.2021.

BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de; Thiago Colmenero Cunha. Por Uma Concepção Política de Conflito Escolar. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.9, p.70-80, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/20508>. Acesso em: 10 ago.2021.

BOTELHO, Patrick Silva; CUNHA, Thiago Colmenero e BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de PROCESSOS DE CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA NO TERRITÓRIO ESCOLAR. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2020, v. 24,. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/2175-35392020200988>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. **OMS alerta: Suicídio é a 3ª causa de morte de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos.** Salvador, Bahia, 10 set. 202. Disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br/2020/09/10/oms-alerta-suicidio-e-a-3a-causa-de-morte-de-jovens-brasileiros-entre-15-e-29-anos/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

Organização Pan-Americana de Saúde & Organização Mundial da Saúde. **Suicídio.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>.